ABORDAGEM PARA A NOVA RELAÇÃO ENTRE LEIGAS, LEIGOS E IRMÃOS

ficha

8

A NOVA RELAÇÃO ENTRE IRMÃOS, LEIGOS E LEIGAS QUER AJUDAR NO SURGIMENTO DE UMA NOVA VIDA CONSAGRADA QUE PROMOVA O NOVO MODO DE SER IRMÃO.

Partilhar a mesma herança e sentir-nos complementares significa ajudar-nos a fazer surgir uma nova vida consagrada e o ***novo modo de ser Irmão.***
A vocação do leigo é ***base comum*** *de nossas raízes. Sustenta a todos, irmãos e leigos.*

O carisma marista une Irmãos e Leigos. Porém, vivemo-lo a partir de projetos específicos. A identidade do Irmão vem assinalada nas Constituições como seguimento de Cristo, do jeito de Maria, em sua vida de amor ao Pai e aos homens. O Irmão pretende alcançar este ideal em comunidade.

Partilhar a mesma herança, sentir-nos complementares, significa ajudar-nos para fazer surgir uma nova vida consagrada e UM NOVO MODO DE SER IRMÃO, como nos sugere o Capítulo Geral XXI. O caminho da nova relação se converte em desafio de mudança. O partilhar o carisma oferece à vida consagrada marista uma nova possibilidade: dizer como estabelecer autêntico diálogo de vida e amizade entre iguais, com aquelas mulheres e homens leigos que queiram partilhar conosco o carisma. Supõe estar dispostos a modificar nossas formas de viver, de rezar e atuar.

Talvez, juntos com os Leigos nessa busca de nova forma de ser Irmãos, tenhamos que recuperar essa exigência da fraternidade, como algo próprio de nosso ser Irmão e, desse modo, tornar visível e credível o rosto misericordioso de Deus. Ser Irmão, talvez tenha sido a intuição mais original de nossos fundadores quando, seguindo as moções do Espírito, descobriram que nosso lugar na Igreja estava em minoria, na fraternidade universal, no ministério educativo, unindo-nos à missão salvadora iniciada por Jesus Cristo (Oscar Elizalde, FSC). O termo Irmão encerra uma rica espiritualidade cheia de mística e profecia para nossos tempos. Podemos reconhecer que a vocação de Irmão não se reduz a um setor da Igreja, senão que constitui uma dimensão totalizante da mesma vocação.

Encontro de Irmãos e Leigos em Sri Lanka

Todos nascemos na fé e entramos na Igreja como leigos (membros do Povo de Deus), e nesse marco comum somos chamados a exercer determinadas funções a serviço da comunidade eclesial, a viver determinadas características que pertencem ao patrimônio comum, e a servir à missão comum, a partir de carismas e ministérios concretos.

Considerando a sensibilidade eclesial atual, tão genuinamente evangélica, acreditamos que todas as pessoas cristãs são chamadas à radicalidade do seguimento de Jesus, cada um em sua vocação particular. Assim, as pessoas leigas têm seu próprio lugar, um lugar que não está definido pela negação de outras vocações. Esta dimensão leiga, isto é, de pertença ao povo, nunca nos abandona: alguns a vivem de maneira significativa (os cristãos leigos); outros - sacerdotes e religiosos, - como referência constante a lembrá-los para quem e em função de quem exercem seu ministério.

A Igreja nasce leiga. Jesus, Maria, José e os primeiros apóstolos eram todos leigos. A diferença entre clero e laicato só surge no início do século II para designar os ministros do culto em referência ao restante dos cristãos. A secularidade é nota específica de todo o Povo de Deus, de toda a Igreja (consequência da Encarnação), porém, vivida pelos fiéis leigos de forma peculiar (índole secular), enquanto se encontram plenamente inseridos na comunidade (Raúl Berzosa).

A radicalidade evangélica e a exigência profética não são monopólio da vida religiosa. No estado laical encontram-se pessoas casadas e solteiras que têm o dom profético da radicalidade evangélica e a vivem em suas tarefas cotidianas.

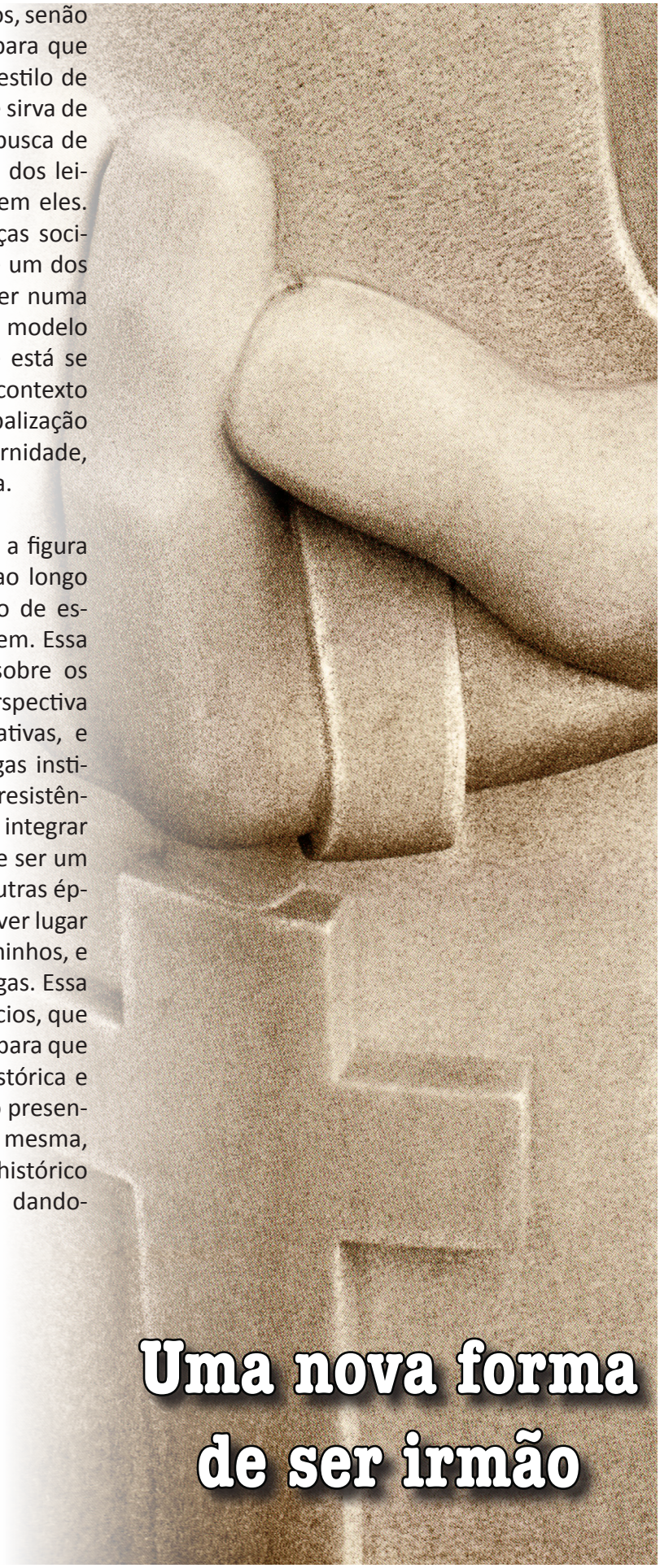
Não é o religioso aquele que deve buscar e amar a Deus antes de tudo (PC 6), mas também qualquer cristão. O que se apresenta como descritivo e característico da vida religiosa pertence à existência do batismo. Por isso, na atualidade, um cristão que se questiona sobre o seguimento radical de Cristo não pensa necessariamente na vida religiosa, diferente da época pré-conciliar (Juan Antonio Estrada). Durante a Assembleia de Mendes se afirmou que “como maristas somos chamados a centrar apaixonadamente nossas vidas em Jesus Cristo, desenvolvendo uma espiritualidade de seguimento”.

A vocação do leigo é **CHÃO OU FUNDAMENTO COMUM DE NOSSAS RAÍZES**. Este chão (solo) nos sustenta a todos, irmãos e leigos, e nele encontramos uma Igreja toda ministerial, onde a missão, a única missão, é partilhada por todos. É nos Sacramentos da Iniciação, como fonte e fundamento comum de toda vida cristã, que todos obtêm uma mesma dignidade que somente o batismo dá. Os leigos, assim como todos os demais, são protagonistas e não somente “objeto” da evangelização; e isso não lhes é dado por concessão da hierarquia, mas pelos Sacramentos da Iniciação. Pelo batismo o sacerdócio comum dos fiéis e o ministerial dos presbíteros se integram um ao outro, sem que isso suponha primazia de ninguém. Cada um, a partir de sua vocação, do seu carisma e do seu ministério, se converte em sinal para todos os demais. Todos são igualmente chamados à santidade e esse chamado à radicalidade evangélica se apresenta como característica batismal que é possível viver numa diversidade de vocações cristãs. (cfr. Antonio Botana).

Dessa forma Juan Antonio Estrada relaciona o futuro da vida religiosa com a vocação leiga: A revalorização teológica do laicato afeta o núcleo da vida religiosa e obriga-a a questionar seu sentido e suas ações atuais. A condição leiga da se converte hoje no referente fundamental para entender o seguimento e a imitação de Cristo, deslocando o monge como protótipo de santidade e de perfeição cristã. O futuro das congregações depende, em grande parte, da sua capacidade de incorporar os leigos em suas instituições e deixar-se fecundar por suas experiências. Não se trata simplesmente de incorporar os leigos nas obras apostólicas de cada congregação, nem de buscar novas formas de vinculação, senão de revitalizar o carisma fundacional, a partir do que os leigos podem contribuir para tornar as congregações mais eficientes, melhor adaptadas à sociedade, e mais capazes de conciliar a contemplação e a ação em um contexto mundano. A abertura aos leigos e a reestruturação interna das congregações podem ser o germe de novas formas de vida religiosa, como no passado; porém, desta vez, fazendo os leigos protagonistas das mudanças e coparticipantes na tomada de decisões. A espiritualidade terá que construir-se na complementaridade, reconhecendo a pluralidade de identidades e permitindo aprofundar-se em contraste com as demais.

Não se trata somente de integrar os leigos, senão de aprender com eles e de colaborar para que a vida religiosa não se acomode a um estilo de vida das sociedades modernas, mas que sirva de alternativa crítica em relação a elas. A busca de novas respostas não pode vir somente dos leigos, mas dificilmente conseguiremos sem eles. Sensibilizar-se com respeito às mudanças sociais e abrir-se para novas experiências é um dos requisitos exigidos para não permanecer numa simples modernização ornamental do modelo antigo. A transformação profunda que está se operando em nossas sociedades, no contexto da terceira revolução industrial, a globalização e a pós-modernidade ou segunda modernidade, torna inviável a estática da vida religiosa.

A mudança de paradigma tropeça com a figura histórica assumida pela vida religiosa ao longo dos séculos, privilegiando um conjunto de estruturas e práticas internas que a definem. Essa perspectiva da primazia da tradição sobre os desafios atuais da missão origina a perspectiva jurídica com relação às inovações criativas, e realça as tarefas profissionais e as cargas institucionais em cima das pessoas. Existe resistência ao novo. Quando a vida religiosa se integrar nessa dinâmica restauradora, deixará de ser um laboratório do cristianismo, como em outras épocas históricas. E se a criatividade não tiver lugar na vida religiosa, ela buscará outros caminhos, e no melhor dos casos, as associações leigas. Essa é a perspectiva que defende Carlos Palacios, que propõe o sacrifício de Isaac como apelo para que a vida religiosa sacrifique sua figura histórica e se abra às interpelações e exigências do presente. Tem que renunciar a centrar-se em si mesma, assumir o esgotamento de seu modelo histórico e rememorar seu carisma fundacional dando-lhe novas formas.



Uma nova forma de ser irmão

Para aprofundar

Membros de uma fraternidade Brasil

Leituras que podem ajudar

- *Documento final de Quito*
- *Documento final de S. Paul Trois-Châteaux*

A seguinte afirmação de Juan Antonio Estrada: O futuro das congregações depende, em boa parte, da sua capacidade de incorporar os leigos em suas instituições e deixar-se fecundar por suas experiências. Não se trata simplesmente de incorporar os leigos nas obras apostólicas de cada congregação, nem de buscar novas formas de vinculação, senão de revitalizar o carisma fundacional a partir do que os leigos podem contribuir para tornar as congregações mais eficientes, melhor adaptadas à sociedade, e mais capazes de conciliar a contemplação e a ação em um contexto mundano.

Nesse futuro de nossa Congregação, como você acredita que seria o novo modo de ser irmão?

O que precisa morrer em mim para que nasça essa nova relação?

Custa-nos aceitar que para algo novo nascer, alguma coisa tem que morrer. Resistimos à morte. Uma nova relação entre irmãos e leigos. O que precisa morrer em mim para que esta nova relação nasça? (Ir. Emili)

Confrontar-me:

- Creio que a nova relação se converte em um desafio para a busca do novo modo de ser irmão?
- Estou disposto a modificar minhas maneiras de viver, de orar, de atuar... para estabelecer um verdadeiro diálogo com os que partilhamos o carisma?
- Sinto-me chamado à radicalidade do seguimento de Jesus com meus companheiros de caminho, leigos e irmãos?
- Sou capaz de intuir que a abertura aos leigos poder ser o gérmen de novas formas de vida religiosa?
- Sinto que o ser “irmão” comporta uma rica espiritualidade cheia de mística e profecia para nosso tempo?